

DOIS POETAS DE NOME CALDAS

Geise Kelly Teixeira da Silva (UERN)

Marcel Lúcio Matias Ribeiro (IFRN)

Com sua paisagem marcada pelo semi-árido nordestino, com suas várzeas e carnaubais, a cidade do Assu é conhecida remotamente como “Terra dos poetas”, por integrar em seu patrimônio cultural, grandes nomes da literatura potiguar que foram de relevante contribuição para a formação de sua cultura local. Celso da Silveira considera que, provavelmente, a razão na qual a cidade do Assu foi consagrada como “Terra dos poetas” esteja no trinômio cultural a que sua população se dedicava; à música, ao teatro e ao jornalismo, e, para ele, como se não bastassem essas condições criadas afirma ainda que:

Haveria de supor que a influência da paisagem, do meio ambiente, do arvoredo, da passarada, da religiosidade, da cultura popular, das várzeas, dos rios, do delta da foz do Piranhas, do sal, dos frutos, tudo que a natureza colocou ao alcance da vista do homem, principalmente a carnaubeira, pudesse dotar essa população de um grau mais acentuado de sensibilidade. Por isso nós temos tantos poetas (SILVEIRA, 1996, p.40).

Notórios por possuírem uma grande bagagem poética que os consagram entre os grandes luminares da poesia norte-rio-grandense, os poetas João Lins Caldas (1888-1967) e Renato Caldas (1902-1991), como muitos outros poetas açuenses, ousaram versejar nesse pequeno pedaço de chão potiguar elevando o nome da cidade do Assu nos patamares da literatura local.

Em primeira instância, percebe-se que ambos possuem em comum o mesmo sobrenome e residiram na mesma cidade, além de terem adotado a poesia como “razão de viver”. Contudo, não se pretende aqui traçar um perfil biográfico com tais objetividades, tendo em vista que outros Caldas e também poetas residiram na cidade do Assu, tampouco fazer uma análise minuciosa de suas obras. O que aqui vem predominar é uma descrição breve e sucinta dos aspectos que os distanciam, pondo em relevância questões que vão além das coincidências que existem entre ambos, como os aspectos que emanam de suas verves, João Lins Caldas com o seu surrealismo e características que já apresentavam traços do modernismo literário e Renato Caldas com sua verve popular e matuticidade com exaltações a valores de sua origem.

Apesar de serem da mesma cidade (Assu), um natural e o outro reconhecendo a mesma naturalidade por nela ter passado uma boa parte de sua vida, e possuírem em comum o mesmo sobrenome, Renato Caldas e João Lins Caldas se integram dentre vários fatores a extremos distintos, desde suas origens até o lado excêntrico de cada um. É na diferença de personalidades que se encontra a verdadeira essência desses dois poetas, diferenças que vão se refletir principalmente no estilo poético que cada um possui. Eles são bastante diferentes, embora possam ter muito em comum.

A ideia de um homem angustiado, recluso e solitário tem na figura de João Lins Caldas sua personificação. Nascido na cidade de Goianinha, mas açuense em sua integridade telúrica, este “poeta da solidão e da dor”, como assim o definem pela expressividade de seus poemas, transmitia em seus versos toda a solidão do universo que sentia, como se extravasasse da alma toda a amargura do mundo. Assim como amava a poesia, cultivava também a terra que pisava como um todo componente do seu ser. Integrava-se a ela de corpo e alma, transformando a matéria da vida em matéria da poesia, confortantes de sua própria alma.

Ao longo de sua breve existência, João Lins Caldas canalizou todas as paixões, ânsias, angústias, ideais e sensações que viu, viveu e sentiu para a sua verve. O mais interessante quando se observa a sua produção poética é a sensibilidade que emana de seus versos, no qual valores intrínsecos e humanos coexistem, conduzidos pela realidade vivenciada por ele. Ler os seus escritos é vivenciar a sua trajetória por meio das sensações que estes produzem. São mensagens sentidamente humanas que nos chegam antes do conhecimento físico do poeta e que estabelecem um diálogo direto com as nuances da sua quão frágil vida cotidiana. Muito além da mera poetização dos seus sentimentos, seus versos trazem na essência a marca que o meio exterior imprime no interior de um poeta que presenciou e viveu como ninguém a dura vida de um agricultor em sua pequena Frutilândia¹, que em suas palavras era “o canto do meu silêncio proclamado”.

Na trajetória do autor, que preferia transformar a vida em poesia e fazer poesia com a vida, figura uma produção poética ativa. Segundo José Geraldo Vieira, João Lins Caldas “Perpetrava vinte a trinta sonetos por dia em abas de carteiras de cigarros ou beiradas de jornais” (VIEIRA *apud* CALDAS, 1975, p. 59). Apesar da sua vasta produção poética pode-

¹ Frutilândia é o nome do sítio onde residia o poeta João Lins Caldas. Nomeado assim por haver em suas terras o cultivo de cajueiros.

se encontrar apenas um recorte de seus poemas, mas a sua autêntica fecundidade não está relacionada ao número de versos publicados, mas à extensão de efeitos que esses foram e ainda são capazes de provocar aos que leem.

Toda a sua poesia é um relato de tudo o que viu, viveu e sentiu. Relatos profundos de um mundo que lhe era apresentado como escuro e em desequilíbrio; onde a tristeza e a solidão reinam soberanas, onde a vida e a morte encontram-se perigosamente muito próximas, como se observa nos versos transcritos a seguir:

A esperada não veio. A esperada na vida
é o belo sonho para me inflamar.
Que ela não chegue, a bela comovida...
Que teria eu depois para ainda esperar?
(CALDAS, 1975, p. 16).

Ao contrário de João Lins Caldas, vamos encontrar na figura invulgar de Renato um homem de temperamento expansivo e “um grande colecionador de momentos felizes mesmo quando em situações adversas” (SILVEIRA, 1996, p.15). Assim como era a poesia, a boemia e a cantiga popular também faziam parte de sua vida como todo o componente do seu ser. Coincidindo com a sua irrequieta personalidade, seus poemas refletem a imagem de um poeta boêmio e ousado que sempre esteve acima do cárcere da vida açuense e da opinião alheia.

O volume *Pé de escada* (1986) demonstra fielmente o grau de boemia de Renato Caldas. O mesmo reúne algumas quadras poéticas de Renato e João M. de Vasconcelos (Lou) escritas no cotidiano sob os efeitos da boêmia no conhecido bar da Dona Cândida:

Não me julguem por incrêu,
Em dizer essa piada:
O céu deixa de ser céu,
Se Deus proibir “gelada”.

No céu não entra quem erra
E não pode dizer nada!
– É melhor ficar na Terra...
Bebendo no pé da escada.
(C. & V., 1986, p.9)

Aos olhos de Tarcisio Gurgel, Renato Caldas “tinha na sua paisagem e na simplicidade, na paixão e até no lado grotesco do seu povo os motivos permanentes de sua poesia” (GURGEL, 2001, p. 83), concentrando a sua poética na valorização do regional e representando em uma linguagem “rudimentar” as características de um povo sertanejo. Dessa

personalidade indomável, emana uma poesia movida à paixão dos valores nordestinos, onde o poeta faz comoventes evocações de sua terra de origem, em uma mistura de memória e sentimento telúrico que demonstram o exarcebado amor que tem pelo Assu, sua terra natal:

Sô norteriograndense
 Meu patrão, sou assuense
 Pois, nessa terra bonita,
 Eu tive a sorte bendita
 De vê a luz meu Patrão.

Nasci, me criei, vivi...
 Muitas terras conheci!
 Muitas cidades maió.
 Mas, pra falá a verdade,
 Num achei outra cidade
 Mais amiga, mais mio.

Não há dúvidas que na personalidade desses poetas, reside um paradoxo que se reflete principalmente no estilo poético de cada um deles: a inegável solidão vivida por João Lins Caldas o tornou um poeta exageradamente melancólico e de uma poesia mórbida, mas exuberante. Em Renato, a boemia e a ousadia refletem em seus versos um homem irreverente cheio de verve e obstinação. É considerado o maior representante da poesia matuta norte-riograndense, recebendo a alcunha de “O poeta das melodias selvagens” por causa da rudeza e originalidade de seus versos.

Comparado a nomes como Catullo da Paixão Cearense e Zé da Luz, Renato conseguia, de modo simples e espontâneo, abordar temas como o amor, a vida no meio rural, a simplicidade do homem do campo, a natureza e a beleza feminina, como ilustram os seguintes versos:

Os óio de Sinhá Dona,
 Ninguém pode arresistí.
 Parece dois esmolé,
 Qui só véve pra pedí.
 Óios pidão desse jeito,
 Juro pru Deus, nunca ví.

Às vez, eu penso, Sá Dona,
 Quando óio pra vancê:
 Qui mecê ta é cum fome
 Eu tenho aquela vontade
 De me virá em cumê.

“Rompendo bem antes da Semana de Arte Moderna (1922), com o bom comportamento de rimas e métricas, mas sem perder a musicalidade e a cadência dos versos” (SILVEIRA, 1996, p. 34), João Lins Caldas pode ser considerado o percussor do Modernismo, pois já em 1917 fazia versos livres. O seu poema *A casa* é um exemplo:

Fechai a casa toda, vós todos que estais dentro de casa.
A casa vai nos dar o seu segredo, a casa nos vai dizer
que é ela, a nossa casa...

Aquí nasceram choros de crianças,
os nascidos choraram
embalaram-se na rede adolescentes,
velhos saíram nos seus caixões, esticados os pés, hirtos e um-
dos como tijolos levados.
(CALDAS, 1975, p.11)

Quando na obstinação da métrica, fazia versos brancos ou clássicos com acentuada perfeição, na diversidade de estilos. Escreveu poemas autobiográficos, de temas fúnebres e premonitórios, principal característica que permeia a sua verve, como se percebe em seu poema *Marcha fúnebre* e em muitos outros:

Velho o olhar dos mortos pela treva,
Lá passa, vai adiante, o meu caixão...
Quem passa assim, quem com tal força leva
Meu esquife pesado, cor de treva.
 Meu caixão,
Quem leva, quem leva?...
Vai meu corpo levado, cor de treva...
(CALDAS, 1975, p. 27)

Se formos um pouco mais além das diferenças que contrastam a poesia de cada um deles, atentando aos mínimos detalhes, é possível encontrar nelas um ponto em comum que de certa forma os aproximam. Ao mesmo tempo em que lembrava um boêmio cantador em defesa de seus ideais, Renato Caldas escondia também a imagem de um homem sensível e atormentado, dividido entre a ânsia de viver e a morte.

Em alguns de seus poemas (os mais desconhecidos), podemos perceber uma acentuada presença de temas fúnebres e premonitórios, características encontradas principalmente nos poemas de João Lins Caldas. Podemos tomar como exemplo esses versos, onde Renato diz que, “... eu tenho n’alma dobres de finados”/ “a matéria cansou; prevejo o fim” (SILVEIRA, 1996, p. 08) Ainda, em um soneto intitulado *Único pedido* (1980), o mesmo traça todas as

ordenações que quer que lhe façam “quando meu espírito largar/ esta carcaça onde viveu tão só”, pedindo que “atirem-me, por favor, em alto mar/ faço questão de não regressar ao pó” (SILVEIRA, 1996, p. 09), insistindo na percepção de seu fim.

Seguindo esse prisma, a verve de Renato Caldas não deixa de se equiparar a de João Lins, é claro que devemos considerar que tais temas encontram-se em maior constância nos poemas deste último, por ter sido ele um poeta fortemente “marcado pelo sofrimento e pelo desencanto” (MELO *apud* CALDAS, 1975, p. 64). No caso de Renato, pode-se dizer que a presença desses temas deve-se a deficiência visual que o cegara quando em vida, mas que se tornam imperceptíveis e até desconhecidos por nós, pelo fato deste se destacar pelo seu lado humorístico e obstinado em sua linguagem matuta.

Além dos aspectos já levantados anteriormente, outro fator que ainda os distanciam é que com a publicação de seu livro em 1984, *Fulô do mato*, Renato Caldas realiza um sonho que João Lins Caldas não conseguiu realizar, publicar suas obras e consagrar-se entre os grandes luminares da poesia popular nacional. No entanto, mesmo não realizando suas aspirações, João Lins Caldas não se tornou desconhecido no âmbito das letras potiguares. Teve muito de seus poemas perdidos, poemas estes que poderiam ter alcançado horizontes mais largos, e não chegou a publicar em vida obra alguma², mas, mesmo ante os descaminhos de sua antologia³, Celso da Silveira, também poeta, conseguiu, no que lhe foi possível, reunir em um “pequeno” livro intitulado *Poética* (1975) alguns dos poucos poemas que restaram de Lins Caldas, não o melhor da sua poesia, mas o bastante para notificar a sua prática poética. Graças a Celso têm-se hoje a oportunidade de conhecer alguns desses poemas, que já estavam quase no anonimato.

Ao cruzar a linha entre criatividade e sensibilidade, esses dois poetas acabaram deixando um legado riquíssimo tanto para a poesia açuense quanto para a literatura potiguar. Renato Caldas é hoje um dos ícones mais populares entre os luminares da poesia matuta no Rio Grande do Norte. Sua figura é sempre lembrada, especialmente por sua vida boemia e agitada, dedicada à poesia e a valores de sua origem. Já João Lins Caldas, não é tão conhecido e sua verve ainda não foi devidamente estudada como o poeta merece, mas este foi um

² Logo que os contatos foram encaminhados no sentido de publicar a sua primeira obra na editora fundada por Monteiro Lobato, no Rio de Janeiro, a mesma faliu.

³ Quando Celso da Silveira foi convocado à tarefa de reunir as obras poéticas de João Lins Caldas para organizar sua antologia, e vai à procura das mesmas, o poeta João Moacyr de Medeiros já havia levado consigo, logo após a morte de João Lins, os últimos originais.

homem que esteve muito acima do momento que passa, e conscientemente esperou a sua permanência no tempo, afirmando altivamente e sem medo: *Mas o homem é um clarão. Eu serei um clarão por toda a eternidade.* Paradoxos à parte, não se pode negar que ambos escreveram poemas da melhor qualidade e de um esplendor incomparável, que podem não se aproximar exatamente quanto ao estilo e à temática, mas, certamente em qualidade estes se igualam.

REFERÊNCIAS

- CALDAS, João Lins. *Poética*. Natal: Fundação José Augusto, 1975.
- CALDAS, Renato; VASCONCELOS, João M. de. *Pé de escada – versos*. Natal: Clima, 1986.
- _____. *Fulô do mato*. 6. ed., Natal: Clima, 1984.
- _____. *Fulô do mato – inédito – 1937*. Natal: Sebo Vermelho, 2002.
- GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.
- JORGE, Franklin. *Ficções, fricções e africções*. Florianópolis: Mares do Sul, 1999.
- LOPES, Gilvan; PINHEIRO, Ivan (Org.). *Renato Caldas: o poeta das melodias selvagens*. Natal: Sebo Vermelho, 2002.
- SILVEIRA, Celso da. *Anjos meus aonde estais*. Natal: Boágua Editora, 1996.